

Escolha de vice do PT revela a crise do PV

Descontente com o que chama de manipulações e métodos antidemocráticos das lideranças do Partido Verde no processo de apoio à candidatura petista de Luis Inácio Lula da Silva, o ex-presidente regional no Rio e ex-vice-presidente nacional da agremiação, Liszt Vieira, resolveu atacar: "O PV é mais uma corriola de amigos do que propriamente um partido". Com suas críticas, vem a público a crise política vivida pelo Partido Verde, a dois dias da convenção nacional que ratificará ou não, sábado, sua permanência na Frente Brasil Popular.

O ex-exilado e ex-deputado estadual Liszt Vieira acusa os companheiros de militância de tomar decisões sem consultar os organismos partidários. Liszt garante nunca ter sido contra o apoio do PV à frente formada por PT, PSB e PC do B. Desaprova, sim, a forma como foi "armada" a decisão.

"As decisões no partido são tomadas por duas ou três pessoas que se acham iluminadas. Não passam pelos órgãos de direção. Os que atuam no partido ficam sabendo das decisões através das notícias dos jornais", afirma. A crítica de Liszt tem endereço certo: Fernando Gabeira, presidente nacional do PV; Carlos Minc, deputado estadual no Rio, integrante da executiva nacional;

e Alfredo Sirkis, vereador carioca: "Gabeira toma todas as decisões, com a anuência de seu fiel escudeiro Carlos Minc. Às vezes, o Sirkis também dá seus palpites."

Outro que ataca o "processo interno muito pouco democrático" do PV é o secretário geral em São Paulo, Domingos Fernandes, 43 anos. Critica a condução da convenção informal (para efeito interno do partido e não da Justiça eleitoral) realizada domingo no Rio: "Com o veto à candidatura do Gabeira a vice do Lula, as manifestações dos delegados de todos os estados foram pelo rompimento com a Frente Brasil Popular. Mas a mesa manobrou, criou dificuldades à nossa proposta e acabamos perdendo." Domingos garante que a regional de São Paulo não se fará representar na convenção de sábado, no Rio de Janeiro.

Resposta — O deputado Carlos Minc mostrou-se surpreso com as críticas de Liszt Vieira e nele não vê pessoa indicada para falar de democracia interna. Segundo ele, as desavenças de Liszt com a direção do PV vêm desde a campanha de 88 para a Prefeitura de Niterói: à época, Liszt tentou ser vice na chapa encabeçada pelo pedetista Jorge Roberto Silveira e, após a vitória do PDT (apoiado pelo PV), quis ser o secretário de Cultura, pretensão abortada pelos outros dirigentes.